

O TRAUMÁTICO NA VIVÊNCIA DO *BULLYING* ESCOLAR: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS

Aline Spaciari Matioli, psicóloga do Instituto Federal do Paraná (IFPR), mestre e doutoranda em Psicologia, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – núcleo de pesquisa em Psicanálise e Civilização, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Paraná, Brasil; Viviana Carola Velasco Martínez, professora doutora no curso de graduação e pós-graduação em Psicologia e coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Paraná, Brasil.

contato: prof_alinematoli@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar a vivência do *bullying* como um evento potencialmente traumático, decorrente da relação assimétrica que se estabelece entre o agressor e a vítima. Sob essa perspectiva, o *bullying* é abordado como uma forma de assédio, marcada pela presença da sexualidade perversa-polimorfa nessa relação de violência estabelecida entre estudantes no meio escolar. Para tal discussão, a inspiração advém de um projeto de escuta de jovens adolescentes, desenvolvido em uma instituição de ensino público, que objetiva por em palavras o que seria um excesso. O *bullying*, praticado no meio escolar, se caracteriza como uma ação dirigida ao outro, de cunho agressivo e recorrente, físico ou verbal, perpetrado de forma intencional com a intenção de ferir ou ofender. Pode ter consequências graves, de curto ou longo prazo, como prejuízos no rendimento escolar até, em casos extremos, provocar danos físicos e emocionais nas vítimas. Ao analisar esses desdobramentos encontrou-se, entre outros indicativos de sofrimento psíquico, a autolesão que, atualmente, é uma prática crescente entre os jovens e, por isso, preocupante.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. *Bullying* Escolar. Sofrimento Psíquico.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe analisar o *bullying* escolar como um evento traumático capaz de provocar grande sofrimento psíquico às vítimas. A inspiração para essa reflexão nasceu dos atendimentos a alunos alvo de *bullying*, numa instituição pública de ensino. Devido a recorrentes relatos de *bullying* foi desenvolvido um projeto com vistas a sua redução e prevenção. Os resultados encontrados na execução dos grupos de discussões confirmaram os dados da literatura sobre o tema, em especial, no que se refere às modalidades praticadas, como o físico, verbal e o *cyberbullying* (SILVA, 2010; LOPES NETO, 2005), assim como alertaram para futuras manifestações de sofrimento psíquico nas vítimas decorrente do *bullying* escolar.

De forma geral, compreende-se o *bullying* como uma ação dirigida ao outro, de caráter

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

agressivo e persistente, físico ou verbal, praticado com a intenção de ferir ou ofender a vítima. Atualmente, estamos diante de uma nova modalidade, o *cyberbullying*, que toma o ciberespaço como palco para manifestações de violência, sobretudo racial. Seus efeitos podem ser devastadores, de curto ou longo prazo, provocando desde sintomas físicos, psicológicos até sociais.

Neste trabalho, entende-se o *bullying* como um evento traumático do ponto de vista psicanalítico, no que se refere à impossibilidade do sujeito dar conta do excesso pulsional gerado a partir da situação traumática. Tal evento será mais ou menos traumático, supõe-se, pela atuação dos outros no entorno da vítima, os quais poderão oferecer amparo e assistentes de tradução capazes de auxiliar na elaboração do trauma vivido.

DA INSPIRAÇÃO: O PROJETO “VAMOS FALAR SOBRE *BULLYING*?”

Do trabalho em um *campus* de uma instituição federal de ensino nasceram as reflexões que se seguem acerca do *bullying*. Como em qualquer outra instituição de educação, nessa foi possível encontrar as mesmas mazelas e seus desdobramentos, por exemplo, em torno do baixo rendimento escolar, problemas de evasão, como também, são palco de manifestações de atos de violência entre seus atores sociais. Nas escolas, essa violência se materializa nas relações entre os pares por meio do fenômeno do *bullying*, considerado a principal forma de violência presente no meio escolar.

A partir de uma necessidade prática decorrente do aumento no número de casos de *bullying* entre os alunos foi desenvolvido um projeto com vistas à discussão da temática de forma coletiva, intitulado: “Vamos falar sobre *bullying*?”. Seu nome sugere um convite, posto que a participação dos interessados em debater o tema era voluntária. O objetivo geral do projeto era conscientizar os alunos acerca dos efeitos nocivos que tal prática pode acarretar para a vítima, em curto ou em longo prazo, de forma a reduzir os casos praticados na instituição. Destacam-se outros objetivos: esclarecer os diferentes tipos de *bullying* existentes (físico, verbal, *cyberbullying*); explicar as possíveis consequências para as vítimas em termo emocionais, físicos e sociais; incentivar a denúncia de casos de *bullying*; estimular o respeito às diferenças.

A metodologia proposta para o projeto consistiu na realização de grupos de discussão sobre o tema. Primeiramente o projeto foi divulgado no *campus* para a inscrição dos

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

interessados com vagas limitadas a doze alunos. O número pequeno de participantes teve como intuito proporcionar um espaço de discussão adequado, para que todos fossem capazes de discutir criticamente o assunto, assim como expressar suas vivências a respeito do fato. O projeto é realizado no contraturno, em encontros quinzenais com duas horas de duração. As atividades desenvolvidas no grupo são: debates, discussões, estudos de caso, análise de filmes, entrevistas semiestruturadas com servidores e alunos, e elaboração de material informativo para a distribuição e publicidade do tema aos demais alunos não participantes. São previstas reedições do projeto a fim de atingir maior número de alunos participantes e, assim, disseminar no *campus* esclarecimentos acerca do *bullying*, suas modalidades, efeitos e atores (autor, alvo e espectador) com vistas à prevenção desta modalidade de violência no meio escolar.

O projeto encontra-se em fase de execução, tendo sido realizado quatro dos seis encontros previstos para o grupo piloto (trata-se de uma primeira experiência de aplicação). Porém, os resultados parciais já apontam para dados relevantes, os quais serão discutidos ao longo deste trabalho.

Inicialmente, destaca-se que todos os doze participantes inscritos voluntariamente para participar do projeto relataram ter sido vítimas de *bullying* na escola, em algum momento de suas vidas. Interessante a se destacar a este respeito, é a possibilidade do grupo de discussões ser considerado pelos alunos uma oportunidade de elaborar as vivências de violência sofridas, em sua maioria, sozinhos, em passado distante ou recente. Assim, o grupo passou a assumir uma função terapêutica¹ e de apoio aos alunos, por meio do acolhimento oferecido não somente pela psicóloga que o coordenava, mas também pela postura empática dos demais membros. Os encontros se mostraram muito ricos, com exposição de experiências pessoais, percepções e reflexões críticas por parte dos alunos.

BULLYING: DEFINIÇÃO E CONSEQUÊNCIAS

¹ Esta função terapêutica do grupo, como possibilidade, exigiu que se fizessem maiores esclarecimentos, para os participantes, sobretudo do que poderia ser mobilizado. Assim, os alunos assinaram um termo de compromisso antes da inserção no grupo, cujo teor previa a possibilidade da emergência de sentimentos aflitivos frente à lembrança do *bullying* vivido ou presenciado. O sigilo e o respeito frente à história de vida dos colegas participantes eram premissas para participação, as quais foram prontamente aceitas pelos integrantes do grupo.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

O *bullying* como forma de violência não é um fenômeno novo dentro das escolas. Presente há muito tempo no meio escolar, não era tratado com a devida importância. Inicialmente acreditava-se que não passava de uma “brincadeira” entre os alunos. Estudos sistematizados sobre a violência entre estudantes tiveram início na Suécia, na década de 1970. Porém, a importância desse fenômeno ganhou destaque a partir dos anos 80, após o suicídio de três crianças, entre 10 e 14 anos de idade, decorrente dos maus tratos e humilhações das quais foram vítimas em uma escola da Noruega, fato que chamou a atenção da sociedade levando a pesquisas sobre o tema (OLIVEIRA, 2011). A partir do trabalho de Dan Olwens, pesquisador norueguês, essa modalidade de violência passou a ter um nome e uma definição específica sendo considerado *bullying* os atos agressivos ou antissociais praticados de forma repetitiva entre estudantes no meio escolar (FREIRE E AIRES, 2012). Cabe destacar que até esse momento, o sofrimento de muitas crianças e jovens não era reconhecido socialmente, o que dera causa a atos de negligência pelo entorno social frente à problemática, fato que remete ao desmentido ferencziano, ideia que será apresentada no próximo item.

De origem inglesa, a palavra *bullying* significa agredir, atacar e intimidar alguém, podendo ocorrer em qualquer ambiente em que as pessoas interajam entre si, como por exemplo, na universidade, nas relações familiares, entre vizinhos, sendo bastante presente no meio escolar, local de ocorrência que daremos destaque neste trabalho.

De forma geral, o *bullying* caracteriza-se por atos de violência física ou verbal, praticados de forma intencional e repetitiva mesmo diante de sinais claros de desagrado por parte da pessoa alvo, deixando-a em estado de humilhação e sofrimento. Segundo Silva (2010, p.21) “a expressão *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um bully (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender”. Tal comportamento pode ser praticado por um ou mais estudantes contra outro(s), marcado, em geral, por uma relação de poder, causando diversos tipos de sofrimento, de sintomas físicos aos emocionais. Essa relação de poder pode referir-se a maior força física, situação socioeconômica privilegiada, ou qualquer outra diferença que marca uma assimetria de condições entre o autor e a pessoa alvo da violência. Seus efeitos podem ser imediatos, ou em longo prazo, causando prejuízos ao desenvolvimento psicológico e social daqueles que são vítimas desta violência. Tal dissimetria seria capaz, supõe-se, de reatualizar no aqui-agora da sala de aula, o que Laplanche (1987) nomeia de Situação Antropológica Fundamental (SAF), devido a esta assimetria de condições entre o agressor e a vítima, conforme será discutido adiante.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

Há diferentes modalidades de *bullying*, tais como o físico, o verbal e o *cyberbullying*. O primeiro caracteriza-se por agressões como chutes, pontapés, empurrões e socos, assim como o roubo ou dano a pertences que, por vezes, não são considerados formas de *bullying* pelos pares ou pelas autoridades escolares. O segundo é marcado por insultos, intimidações, piadas de mau gosto, escárnio, xingamentos, atribuição de apelidos ofensivos, além de comentários racistas ou homofóbicos (SILVA, 2010). Já o *cyberbullying*, roupagem mais atual do fenômeno, caracteriza-se por ofensas praticadas contra outros por meio eletrônico, como difamações e mentiras veiculadas por meio de postagens de fotos, comentários, montagens e vídeos constrangedores divulgados por meio da rede mundial de computadores. Percebe-se que nesta modalidade, o autor protege-se pelo anonimato, falsos apelidos ou páginas falsas em redes sociais (*fake*).

O efeito dessa modalidade de *bullying* pode ser devastador para a pessoa alvo das agressões, à medida que seus efeitos ultrapassam os limites da escola pelo caráter multiplicador da internet, capaz de disseminar a injúria ou ofensa de forma incontrolável para muito além do meio social da vítima. Não se pode esquecer o caso de Júlia Rebeca que, ao descobrir a divulgação de um vídeo seu fazendo sexo com outras garotas, comete suicídio aos 17 anos de idade, em 2013²; ou mesmo a menina de Veranópolis que, também em 2013, tira a própria vida após ter suas fotos íntimas divulgadas nas redes pelo ex-namorado³.

Tais ideias vão ao encontro das postulações de Azevedo, Miranda e Souza (2012, p.258), para os quais o *cyberbullying* é capaz de potencializar o *bullying* escolar por meio dos ambientes virtuais tomados como lugares possíveis para a manifestação de atos de violência. O *cyberbullying*, para os autores:

[...] parece ainda mais cruel, pois, diferentemente do assédio presencial, não há necessidade das agressões se repetirem. O assédio se abre a mais pessoas rapidamente devido à velocidade de propagação de informações nos meios virtuais, invadindo os âmbitos de privacidade e segurança (...) pode-se dizer que o *Bullying* digitalizado é extensão do pátio da escola – as agressões podem continuar por longas horas depois do horário escolar.

² Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/11/adolescente-de-16-anos-de-veranopolis-se-suicida-apos-ter-fotos-intimas-divulgadas-na-internet-4338577.html>

³ Disponível em <http://www.mundodastribos.com/adolescente-comete-suicidio-depois-de-ter-fotos-intimas-divulgadas-no-facebook.html>

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

Em relação às diferenças de gênero na prática do *bullying* pode-se destacar que os dados encontrados no grupo de discussões apontam para resultado semelhante ao de outras pesquisas sobre o tema. Segundo Bandeira e Hutz (2012) as modalidades mais praticadas entre meninos são as agressões físicas ou verbais. Já entre as meninas pode-se destacar o *bullying* relacional, aquele que afeta o relacionamento social da vítima, prevalente na puberdade e adolescência, fase em que a aprovação dos pares torna-se essencial para a constituição da identidade. São exemplos de *bullying* relacional ou indireto como também pode ser conhecido, a exclusão social e o isolamento. Em geral, entre os meninos, o alvo da violência é escolhido aleatoriamente, desde que alguma de suas características (físicas, de personalidade, socioeconômicas) sirva de base para a violência.

Entre as meninas, a escolha da pessoa alvo é feita por determinantes pessoais, e o *bullying* tem como meta, por exemplo, ridicularizar, isolar e prejudicar rivais ou ex-amigas cujos laços de amizade foram rompidos. Tratar-se-ia, pois, de uma espécie de vingança, uma retaliação perpetrada de forma sádica contra a pessoa alvo. Assim, as meninas inventam mentiras, difamações, injúrias, contam segredos da vítima a terceiros. Constitui uma forma mais velada de *bullying*, porém capaz de causar grande sofrimento para as vítimas que têm sua imagem pessoal e autoestima destruídas. Essa modalidade de violência cometida pelas meninas pode ser de mais difícil percepção pelo entorno social, o que dificulta as denúncias e as intervenções da equipe escolar. Porém, mesmo pouco “visível”, tal modalidade acarreta graves danos à vítima, que se sente indefesa frente à violência invisível que lhe causa profunda angústia.

Há inúmeras consequências do *bullying* tais como prejuízos na esfera emocional, comportamental e física, as quais podem ser de curto, médio ou longo prazo, à medida que muitos sujeitos que foram vítimas de *bullying* na escola carregam traumas que podem se refletir por toda a vida. Sobre os prejuízos na esfera emocional pode-se destacar: tristeza, irritabilidade, medo e vergonha; na esfera comportamental: isolamento, queda do rendimento escolar e evasão (SILVA, 2010); na esfera física: cefaleia, insônia, dor epigástrica, enurese noturna, além de casos mais graves com o surgimento de doenças ou transtornos psíquicos que a vítima tinha predisposição, tais como: anorexia, bulimia, depressão, pânico, a fatalidades como casos de suicídio (LOPES NETO, 2005).

E ainda, além dos graves danos à pessoa vítima do *bullying* há possibilidade de danos a terceiros, decorrente de reações dramáticas encenadas pelos sujeitos na tentativa, diga-se, pouco organizada, de dar conta do excesso pulsional gerado pelo evento traumático, tais como

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

os casos de homicídio como a conhecida “Tragédia de Realengo⁴”.

BRINCADEIRA PERVERSA-POLIMORFA: O *BULLYING* COMO TRAUMA

Parte-se do pressuposto que a vivência do *bullying* pode ser uma situação potencialmente traumática para a vítima. De forma sucinta, Freud (1920/1996) compreende o trauma como uma vivência excessiva experimentada pelo sujeito que é incapaz de integrá-la em uma cadeia representacional no aparelho psíquico. Trata-se de um excesso impossível de ser assimilado “que inunda e afoga o aparelho psíquico” (MOTY e LEZICA, 2005, p.91). As situações traumáticas são deveras variáveis. Aponta Freud (1926/1996) que as experiências de perdas são exemplos de situações traumáticas, como a perda da mãe, do seu amor e a perda dos objetos. É possível pensar que a vivência do *bullying* também pode assumir características traumáticas à medida que o sujeito, atacado em suas qualidades físicas, morais ou de personalidade, tem sua autoestima destruída. Para o autor a autoestima expressa o tamanho do ego e este será determinado por vários elementos, em suas palavras:

Tudo o que uma pessoa possui ou realiza, todo o remanescente do sentimento primitivo de onipotência que sua experiência tenha confirmado, ajuda-o a aumentar a sua auto-estima [...] o fato de não ser amado reduz os sentimentos de auto-estima, enquanto o de ser amado os aumenta. (FREUD, 1914a/1996, p.104)

Frente ao exposto, pode-se entender que a vivência do *bullying* inflinge uma ferida ao narcisismo da vítima, decorrente do ataque ao ego ideal que perde seu valor quando humilhado e desvalorizado. Deste modo, o eu deixa de ser um objetivo digno de amor, fato gerador de grande sofrimento psíquico, já que a pulsão excessiva decorrente desse ataque ao narcisismo pode dar causa a reações melancólicas, autorrecriações ou autoacusações, quando, por exemplo, a vítima passa a se considerar merecedora das agressões. Esse retorno da pulsão contra o próprio eu pode originar outros sintomas como as automutilações e mesmo

⁴ Em 7 de abril de 2011, Wellington Menezes, 23 anos, foi autor da maior tragédia em escolas brasileiras, atirando contra vários alunos em uma escola pública do Rio de Janeiro. A história ficou conhecida como “Tragédia de Realengo”, cuja motivação é incerta, mas suspeita-se que seja decorrente do fato do jovem ter sido vítima de *bullying* escolar. É possível que a vivência do *bullying*, neste caso, agiu como um desencadeador para um transtorno psicológico latente, que levou o jovem a prática dos homicídios, uma vez que o atirador escolheu como alvo a antiga escola onde estudava. Após o massacre, o jovem cometeu suicídio. Disponível em <http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/atirador-entra-em-escola-em-realengo-mata-alunos-e-se-suicida.html>

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

os casos de suicídio.

Assim, “independente da sua origem, a situação traumática desemboca em uma ‘inundação’ do ego, que se torna incapaz de administrar uma situação traumática que vem reativar seu estado primitivo de ‘desamparo’” (BARANGER, BARANGER e MON, 1997, p.755). Tal desamparo é potencializado pela falta de reconhecimento do *bullying* enquanto uma violência, fato notável por meio das falhas das autoridades educacionais na identificação do problema. Tal fato pode ter causas diversas, desde a negação do problema, a negligência, o desconhecimento ou a falta de percepção dos professores frente a situações de *bullying* na escola⁵. Esse não é um fato isolado. Em uma pesquisa realizada por Lopes Neto (2005), o autor aponta que 51% dos autores de *bullying* admitem não terem sido advertidos pelos adultos (pais e professores) quando da prática dos atos de violência.

Tal situação nos remete à ideia de desmentido na teoria do trauma de Ferenczi. Diante de uma situação traumática, como um abuso sexual, a criança procura ajuda entre os adultos, mas eles negam o acontecido, desmentem o fato deixando a criança totalmente desamparada diante do excesso pulsional do outro. E isso tem a ver com o *bullying*, pois a vítima é colocada na situação de passividade, semelhante à da criança, e sofre uma espécie de abuso sexual por parte dos outros.

Acrescenta-se ainda algo mais do traumático, em Ferenczi, para avançar. Para o autor, a criança age na relação com o adulto por meio da linguagem da ternura, enquanto o adulto é movido pela linguagem da paixão. Esta situação é denominada “confusão de línguas” entre os adultos e a criança, pano de fundo para a situação traumática. Para Ferenczi (1933/2011) o trauma patogênico processa-se em dois momentos. Em um primeiro momento, o adulto responderia às fabulações e brincadeiras infantis de forma excessiva, com sua sexualidade, pois está dominado por suas paixões; temos aí o fato real, o abuso ou a sedução. Confusa frente ao abuso sofrido, a criança recorrerá a outro adulto em busca de respostas, acolhimento ou mesmo de um testemunho. Contudo, esta sedução vivida pela criança será desacreditada por este adulto de sua confiança, fato que torna o trauma verdadeiramente patogênico.

⁵ Os alunos participantes do grupo relataram que alguns professores intervêm quando presenciam cenas de *bullying* entre os alunos, comunicando o fato a equipe multidisciplinar da instituição (composta por psicólogo, pedagogo, assistente social, técnico em assuntos educacionais, intérprete de libras e assistente de alunos), que vem tomando providências que consideram adequadas, tais como chamar para conversar, encaminhar à direção, orientar, acolher e conscientizar. Porém, destacam que em outras escolas raramente houve intervenção por parte das autoridades da instituição escolar fato que vai ao encontro da literatura sobre o tema.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

O pior é a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática do pensamento ou dos movimentos; é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico (FERENCZI, 1931/2011, p.91).

Trata-se, pois, do desmentido ferencziano, segundo momento do trauma, marcado por uma espécie de desqualificação por parte do adulto, da experiência dolorosa vivida pela criança, daí o caráter traumático e desestruturante do fato. Conforme destacam Osmo e Kupermann (2012, p.332) acerca do evento traumático “é importante procurar não restringir esse acontecimento a um determinado tipo de experiência, apesar de o próprio Ferenczi se referir muitas vezes a experiências de sedução incestuosa, de punição passional, ou de abandono”. Assim, é possível pensar a vivência do *bullying* como um evento traumático pelo caráter excessivo da experiência vivida pela vítima, em uma situação assimétrica frente ao agressor, como uma espécie de reedição da situação traumática presente nas relações adulto-criança propostas por Ferenczi (1933/2011). Será visto adiante que estas ideias ferenczianas inspirarão Laplanche (1987), e sua Teoria da Sedução Generalizada, para falar da constituição do psiquismo feita de situações traumáticas.

Destarte, nos casos de *bullying* escolar, a vítima da agressão, seja esta física, moral, psicológica ou sexual, é duplamente abusada. Sofre violência direta por parte do agressor, e é vítima da negligência, do despreparo ou da negação dos adultos de seu ambiente que não são capazes de reconhecer a gravidade da experiência por ela vivida. Assim, como ocorre no desmentido ferencziano quando o adulto não acolhe a criança pequena vítima do abuso, desqualificando sua experiência traumática, há nos casos de *bullying* escolar o desmentido dos professores, da equipe técnica, dos pais, ou seja, dos adultos que poderiam e deveriam acolher essa criança ou esse adolescente que, sozinho e desamparado, não é capaz de dar conta dos excessos gerados a partir do abuso sofrido quando do *bullying*.

É possível destacar outra modalidade de desmentido que torna ainda mais traumática a experiência vivida pelo sujeito alvo das agressões. Trata-se do desmentido das testemunhas do *bullying*, ou também chamados de espectadores, representados por aqueles que presenciam as cenas de violência perpetradas contra a vítima. Muitas testemunhas nada fazem frente às agressões que presenciam, comportam-se com indiferença e frieza, tem-se, aí, novo desmentido, marcado pela desqualificação coletiva da experiência dolorosa vivida.

Segundo Silva (2010), esses são os chamados espectadores passivos, postura essa que pode originar-se do receio em se tornarem as próximas vítimas. A autora destaca outros dois

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

tipos de espectadores, os neutros e os ativos. Semelhante aos espectadores passivos, os neutros não intervêm para auxiliar a pessoa alvo por não se sensibilizarem frente à vítima, o que caracteriza uma omissão perversa que contribui para o aumento da violência. Os ativos são aqueles que “manifestam “apoio moral” aos agressores, com risadas e palavras de incentivo” (SILVA, 2010, p.46). Tais risos parecem ter duplo efeito: seduzem o agressor levando-o a repetir o ato; expressam o prazer sádico das testemunhas em assistir o sofrimento alheio com o qual são coniventes. Assim, é possível pensar em uma espécie de reprodução da cena primária, na qual a criança presencia uma cena excessiva, pois originária da sexualidade perverso-polimorfa do outro, mas diferente da cena primitiva freudiana que se refere à sexualidade parental descoberta traumáticamente pela criança pequena, no *bullying* escolar, esse sexual surge encoberto pela pulsão de destruição, o que não lhe tira o caráter abusivo, e, por isso, sexual.

Outro desmentido, operado pela própria cultura, perdurou durante muitos anos. Como dito, tal violência recebeu um nome – *bullying* – apenas recentemente na história. E é também relativamente recente o reconhecimento do assédio moral – uma espécie de *bullying* entre adultos – como um ato criminoso passível de punição. Por décadas essa violência não foi reconhecida, uma violência inominável. Daí, como pedir ajuda frente ao que não tem nome? O sujeito/aluno sofrendo do quê? Pelo quê? Por quê? Já que são só brincadeiras! Tratar-se-ia, portanto, de anos de um desmentido social partilhado por agentes educacionais, pais e membros da sociedade, capaz de inviabilizar as tentativas de metabolização ou elaboração do evento traumático, deixando restos por toda vida.

Mas a prática do *bullying* não aparece ao acaso, para entendê-la e subsidiá-la é possível recorrer ao que Laplanche (2005) nomeia de Situação Antropológica Fundamental, situação traumática própria das origens da constituição psíquica, apreendida como o primeiro momento de encontro entre um adulto e uma criança. Tal situação é marcada por uma assimetria de condições entre um adulto e uma criança, já que o primeiro relaciona-se a partir de seu inconsciente, enquanto a criança ainda constrói o seu. Nessa relação assimétrica o adulto destinará à criança mensagens enigmáticas, pois inconscientes e sexuais, impossíveis de completa tradução devido aos poucos recursos de que dispõe a criança, deixando restos, os objetos fontes de pulsão.

Diferente de Freud, a pulsão para Laplanche (1988) é sempre sexual, seja ela de vida ou de morte, referente aos aspectos ligados ou desligados. Neste caso, a pulsão de destruição atuada na prática do *bullying* é também sexual, pois proveniente da sexualidade perversa-

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

polimorfa do agressor. Semelhante a esta dissimetria existente na relação adulto-criança proposta por Laplanche, no *bullying*, a dissimetria é evidente, pois marcada por uma relação de poder entre o agressor e a vítima, em que o primeiro subjuga o segundo na tentativa de dominá-lo, humilhá-lo, destruí-lo (física, moral ou psicologicamente). Trata-se, assim, do sexual desligado, derivado da pulsão sexual de morte atuada sob a forma de sadismo dirigido à vítima tomada como objeto para satisfação pulsional do agressor. Nessa situação a vítima poderá assumir o papel passivo sem resistência, pois aceita o sofrimento perpetrado pelo outro, seja porque não tem saída, o medo é muito grande e o desamparo também, seja porque mobiliza o masoquismo moral⁶ ao qual estaria sujeita.

Assim, e, frente ao traumático proveniente do *bullying* sofrido, são possíveis diversas manifestações de sofrimento psíquico desde sintomas menores como irritabilidade até intensa angústia, e mesmo ser o estopim para sintomas mais graves, de cunho depressivo, por exemplo, como citado anteriormente.

Contudo, recentemente vêm ganhando destaque os casos de automutilações, ou também chamadas condutas autolesivas, sintoma importante e cada vez mais presente não apenas nos consultórios de psicologias, mas também nas escolas.

Entende-se automutilação como a prática de atos lesivos contra si mesmo, sem intenção suicida consciente, capaz de causar danos leves, moderados ou graves aos tecidos ou órgãos do corpo, feita com ou sem o uso de objetos perfurocortantes. Conforme Favazza e Rosenthal (1990) os atos lesivos são perpetrados com vistas ao alívio de sentimentos egodistônicos, tais como a raiva, a culpa, a frustração, com início, em geral, na adolescência. Segundo Matioli e Martínez (2016), dentre os vários sentidos que este sintoma pode assumir para o sujeito, os ferimentos autoinflingidos constituem uma espécie de retorno contra o próprio eu, da pulsão de destruição presente do aparelho psíquico, a qual pode tomar o eu como objeto desta pulsão, em especial, quando não há outros significativos que possam acolher a angústia daquele que sofre. Trata-se de uma reação possível da vítima do *bullying* diante do desmentido vivido nas suas relações.

⁶ Há três formas de masoquismo: feminino, erógeno e moral. O masoquismo moral “se manifesta como uma sensação de culpa, em geral inconsciente” (Freud, 1924/2007, p.107). Este sentimento de culpa dá lugar à necessidade de punição e, desta forma, no caso das vítimas do *bullying*, perpetuar as agressões à medida que o sujeito pode considerar-se merecedor de tal sofrimento (mesmo que inconscientemente).

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

Matioli e Martinez (2016) apontam ainda a automutilação como uma forma precária de comunicação com os outros a sua volta, fato esse passível de ser aplicado nos casos de adolescentes vítimas de *bullying*, haja vista que muitos jovens têm dificuldade de pedir ajuda, assim, talvez, marcar o próprio corpo pode ser uma forma de comunicar sua dor, ou mesmo de tentar simbolizá-la. Destaca-se que a vivência do *bullying* pode ser um desencadeador possível para este sintoma, mas não o único. No filme “*Um grito de socorro*”, analisado junto aos alunos do projeto, o protagonista é um adolescente vítima de *bullying* escolar, alvo de repetidas agressões físicas e psicológicas por parte de três colegas de classe. Semelhante à vida real, o filme retrata a conivência das testemunhas que nada ou pouco fazem para lhe ajudar. O filme mostra que o jovem em sofrimento, recorre às autolesões como forma de alívio para a angústia sentida, porém, ao final do enredo, incapaz de dar conta do excesso pulsional decorrente da vivência traumática do *bullying*, sem outros recursos possíveis, comete suicídio para dar fim a sua dor. Essa obra, embora de ficção, representa um pouco do real vivido por muitos estudantes em suas escolas.

Sobre a pulsão de destruição – relacionada à teoria psicanalítica das pulsões, em que Freud (1920) postula a existência de duas modalidades pulsionais atuantes no aparelho psíquico, a saber, as pulsões de vida e de morte –, pode-se apreender que do lado do agressor esta pulsão de destruição pode ter dado causa aos atos de violência. Como visto acima, a pulsão pode dirigir-se tanto contra o próprio eu, quanto para o mundo externo, manifesto por meio da agressividade dirigida aos objetos, no caso, os sujeitos alvo do *bullying*.

Por outro lado, o *bullying* praticado pelo agressor pode ser uma repetição atuada de experiências de violência vividas de forma traumática em tempos passados, reatualizada no momento atual. As situações traumáticas, conforme Baranger, Baranger e Mom (1987), alteram o equilíbrio pulsional, liberando a pulsão de morte no psiquismo. Assim, na tentativa de dominá-la ou integrá-la em uma cadeia representacional, surge à compulsão a repetição. Para Freud (1914b/1996, p.165), como forma de elaborar o trauma vivido o sujeito reproduz, não como lembrança, mas como atuação, todavia “repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo”. De forma complementar, a inversão de papéis, de vítima para agressor, de passivo para o ativo é uma forma primitiva de elaboração traumática apontada por Freud (1920) quando descreve que, assumindo papel ativo, o sujeito é capaz de assenhorar-se de uma situação traumática minorando seus efeitos pelo controle fantasístico da situação. Destarte, talvez, aquele que hoje agride pode ter sido alvo de agressões em tempos passados.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de um tema complexo e multideterminado, a modalidade de violência exposta neste trabalho, o *bullying* escolar, necessita ser tratado com seriedade não apenas pela escola, mas também pela família, pais e sociedade, haja vista o prejuízo irreparável que tal prática pode acarretar desde o abandono escolar, sintomas físicos, emocionais e outras formas de manifestações de sofrimento psíquico, como a instauração de quadros depressivos, a prática das autolesões e mesmo casos de suicídio, esses decorrente da falência completa dos recursos da vítima para dar conta do excesso pulsional gerado a partir do *bullying* sofrido.

Dentre outras medidas possíveis, como uma resposta à inspiração que deu origem a estas reflexões, é importante a atenção dos agentes do meio escolar na identificação do problema, visto que o *bullying* está presente nas relações entre os estudantes ora de forma explícita, ora implícita. Saber suas consequências – assim como saber reconhecer suas diversas formas de manifestações no território escolar – é de suma importância para ajudar aqueles que sofrem em silêncio, antes que danos maiores possam ocorrer. É sabido que muitas vítimas não pedem ajuda, pois tem receio de sofrer retaliações mais graves do que a violência da qual vem sendo vítimas, outros temem ser vistos como pessoais frágeis, fracas ou incapazes de se defender. Tal fato mostra a importância de intervenções mais ativas por meio dos educadores, sejam os professores, pedagogos, equipe técnica ou multidisciplinar (quando existente), a julgar pela impossibilidade de muitos sujeitos conseguirem explicitar sua demanda de ajuda por vias mais organizadas, sem a necessidade de se fazer sintomas.

Dessa forma, diante da gravidade dos efeitos do *bullying* sobre as vítimas, é de suma importância o desenvolvimento de projetos que possam abordar esse tema junto à comunidade escolar, assim como foi feito por intermédio do projeto Vamos falar sobre *Bullying*?. Na execução desse projeto, que se encontra em andamento, foi percebido que os grupos de discussões passaram a assumir um caráter terapêutico, considerando-se a expressão de situações de violência vividas pelos alunos oportunizando um espaço de acolhimento, escuta, compartilhamento e ressignificação das experiências dolorosas vividas em tempos passados ou recentes. Sentimentos de raiva, medo, tristeza e outros foram nomeados e expressos em sua intensidade, o próprio grupo ofereceu “assistentes de tradução”⁷

⁷ Segundo Martens (2007), os “assistentes de tradução” se referem ao conjunto de mensagens (verbais ou não-verbais), ofertados pelo universo social em geral, pelo cultural, que age em contraponto ao processo de sedução. Tal assistência de tradução serve para o sujeito traduzir o que recebe do outro de forma excessiva.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

Essa situação remete às ideias de Laplanche (1993) acerca da tina, figura metafórica utilizada pelo autor para descrever a situação analítica como capaz de dar continência às pulsões do sujeito, em especial, aos seus aspectos mais regredidos. De forma semelhante, foi percebido que o grupo de discussões do projeto assumiu esta função, auxiliando os alunos no *a posteriori* do trauma vivido, a ressignificar sua experiência dolorosa.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, J.C.; MIRANDA, F.A.; SOUZA, C.H.M. Reflexões a cerca das estruturas psíquicas e a prática do *CyberBullying* no contexto da escola. **Rev. Interncon-RBCC**. v.35, n.2, p. 247-265, 2012.

BANDEIRA, C.M.; HUTZ, C.S. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP**. v.14, n.1, p.131-138, 2010.

BARANGER, M.; BARANGER, W.; MOM, J. El trauma psíquica infantil de nosotros a Freud. Trauma puro, retroactividad y reconstrucción. **Rev. de Psicoanál.**, Buenos Aires: XLIV, n.4, 1987.

FAVAZZA, A.R.; ROSENTHAL, R.J. Varieties of Pathological self-mutilation. **Rev. Behavioral Neurology**, n.3, p.77-85, 1990.

FERENCZI, S. (1931). Análise de crianças com adultos. In.: **Obras Completas: Problemáticas IV**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, S. (1933). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In.: **Obras Completas: Problemáticas IV**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FREUD, S. (1914a). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, S. (1914b). Recordar, repetir e elaborar. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol.XII**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1996.

FREUD, S. (1920). Além do princípio do Prazer. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol.XIII**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1996.

FREUD, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**, v.3: 1923-1938. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 2007.

FREUD, S. (1926). Inibição, sintoma e ansiedade. In.: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol.XX**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1996.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

FREIRE, A. N.; AIRES, J.S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e enfrentamento do *Bullying*. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP**. v.16, n.1, jan/jun. p.55-60, 2012.

LAPLANCHE, J. **Novos fundamentos para a psicanálise**. Tradução: João Gama. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1987.

LAPLANCHE, J. A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. In: **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LAPLANCHE, J. **Problemáticas V: A tina: A transcendência da transferência**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LAPLANCHE, J. Entrevista con Jean Laplanche, encuentro com Gisèle Danon y Didier Lauru. (Lorenza Escardó, Deborah Golergant, Trad.). **Rev. Alter**, n.1, dez. 2005.

LOPES NETO, A.A. *Bullying* – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v.81, n.5, p.164-172, 2005.

MARTENS, F. Para una validación sócio-clínica de la teoría de La seducción generalizada. (Lorenza Escardó, Deborah Golergant, Trad.). **Rev. Alter**, n. 3. fev. 2007.

MATIOLI, A.S. MARTÍNEZ, V.C.V. Automutilação: sobre as duas faces de um sintoma. In.: **Anais do III Congresso Internacional de Saúde Mental**. Irati: Universidade do Centro Oeste. Departamento de Psicologia, 2006.

MOTY, B.; LEZICA, A. **Lo traumático, clínica y paradója, vol.1**. Buenos Aires: Biblos, 2005.

OLIVEIRA, D.D. O fenômeno *bullying* descrito no contexto psicanalítico das pulsões e suas manifestações: sadismo e masoquismo. In.: **Anais do X Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional**. Universidade Estadual de Maringá, 2011.

OSMO, A.; KUPERMANN, D. Confusão de línguas, trauma e hospitalidade em Sándor Ferenczi. **Rev. Psicologia em Estudo**, v.17, n.2, p.329-339, 2012.

SILVA, A.B.B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.